

Novas espécies e notas sinonímicas em *Xystochroma* Schmidt, 1924 (Coleoptera, Cerambycidae, Callichromatini)

Dilma Solange Napp^{1,3} & Ubirajara R. Martins^{2,3}

¹Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná. Caixa Postal 19020, 81531-980 Curitiba-PR, Brasil.

²Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42494, 04218-970 São Paulo-SP, Brasil.

³Pesquisador do CNPq.

ABSTRACT. New species and synonymical notes on *Xystochroma* Schmidt, 1924 (Coleoptera, Cerambycidae, Callichromatini). New synonyms established: *X. neglectum* (Gounelle, 1911) = *Callichroma (Xystochroma) equestriforme* Schmidt, 1924 **syn. nov.**; *X. gracilipes* (Bates, 1879) = *Callichroma (Xystochroma) planipenne* Schmidt, 1924 **syn. nov.** = *Callichroma (Xystochroma) cuprisuturatum* Zajciw, 1965 **syn. nov.** New species described from Brazil: *X. femoratum* **sp. nov.**, from Minas Gerais and Rio Grande do Sul; *X. echinatum* **sp. nov.** from Rio de Janeiro and São Paulo; from Venezuela: *X. incomptum* **sp. nov.**, from Amazonas. A key to the species of *Xystochroma* is provided.

KEYWORDS. Cerambycinae; new species; new synonyms; South-America; *Xystochroma*.

RESUMO. Novas espécies e notas sinonímicas em *Xystochroma* Schmidt, 1924 (Coleoptera, Cerambycidae, Callichromatini). Novas sinónimias propostas: *X. neglectum* (Gounelle, 1911) = *Callichroma (Xystochroma) equestriforme* Schmidt, 1924 **syn. nov.**; *X. gracilipes* (Bates, 1879) = *Callichroma (Xystochroma) planipenne* Schmidt, 1924 **syn. nov.** = *Callichroma (Xystochroma) cuprisuturatum* Zajciw, 1965 **syn. nov.** Novas espécies descritas do Brasil: *X. femoratum* **sp. nov.** (Minas Gerais e Rio Grande do Sul); *X. echinatum* **sp. nov.** (Rio de Janeiro e São Paulo); da Venezuela: *X. incomptum* **sp. nov.** (Amazonas). Chave para identificação das espécies de *Xystochroma* é fornecida.

PALAVRAS-CHAVE. América do Sul; Cerambycinae; espécies novas; novos sinónimos; *Xystochroma*.

Doze espécies foram catalogadas no gênero *Xystochroma* por Monné (1993) e apenas uma, *X. buprestoides* (Bates, 1865) não ocorre na América do Sul. Neste trabalho três espécies novas são descritas e três nomes considerados como sinónimos, portanto, o número de espécies permanece inalterado. *X. equestriforme* (Schmidt, 1924) não foi examinada; *X. chypeatum* (Schwarzer, 1923) e *X. planipenne* (Schmidt, 1924) foram estudadas através dos diapositivos dos tipos.

O material examinado pertence às seguintes instituições: DZUP, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba; MCNZ, Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; MNRJ, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; MZSP, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo; SMFD, Forschungsinstitut und Naturmuseum Senckenberg, Frankfurt-am-Main.

Xystochroma Schmidt, 1924

Callichroma (Xystochroma) Schmidt, 1924: 299.

Xystochroma; Podany, 1965: 38; Monné, 1993: 8 (cat.).

Espécie-tipo: *Callichroma neglectum* Gounelle, 1911, designação original.

Genas mais curtas do que o maior diâmetro do lobo ocular inferior. Tubérculos anteníferos pouco elevados, arredondados. Antenas dos machos ultrapassam os ápices

elitrais, no máximo, em 1,5 artículos; nas fêmeas, pouco mais curtas que o corpo. Escapo subcilíndrico, sem depressão no lado dorsal da base e projeção apical praticamente nula; antenômeros IV-X expandidos no ápice externo; antenômero XI, nos machos, pouco mais longo que o X; nas fêmeas, tão ou pouco mais longo que o X.

Protórax transverso. Tubérculos laterais desenvolvidos. Élitros com faixa sutural, verde ou azulado-metálica, distinta; faixa dorsal de cor metálica evidente ou não. Superfície elitral revestida por tomento negro organizado, ou não, em faixa dorsal.

Metafêmures cilíndricos; nos machos alcançam ou apenas ultrapassam as pontas dos élitros; nas fêmeas, não chegam a atingi-las. Metatíbias sem carena, deprimidas e pouco alargadas para o ápice. Metatarsômero I mais longo que II+III.

Discussão. Dentre os gêneros sul-americanos de Callichromatini com fêmures cilíndricos, *Xystochroma* assemelha-se a *Xenochroma* Schmidt, 1924 e *Mionochroma* Schmidt, 1924. Difere do primeiro por apresentar faixas de colorido metálico nos élitros e pelos tubérculos nos lados do protórax bem desenvolvidos. De *Mionochroma*, pelas antenas curtas em ambos os sexos (nos machos ultrapassam os ápices elitrais, no máximo por 1-1,5 artículos e, nas fêmeas, no máximo, alcançam os ápices), pelos antenômeros IV-X expandidos nos ápices externos e pelo escapo sem depressão dorso-basal.

Em *Xenochroma*, os élitros são unicolors (exceto *X. seabrai* Fragoso & Monné, 1989) e os tubérculos laterais do

protórax são pouco desenvolvidos. Em *Mionoichroma*, as antenas, nos dois sexos, são mais longas que o corpo, os antenômeros são cilíndricos e o escapó, usualmente, apresenta depressão no lado dorsal da base.

O gênero *Linsleychroma* Giesbert, 1998, descrito do Panamá, para *L. monnei* Giesbert, 1998, não examinada, também parece assemelhar-se a *Xystochroma*. As distinções, segundo Giesbert (1998), resumem-se a: “hind femora somewhat flattened laterally, strongly sulcate and carinate on inner side beneath”. Espécies de *Xystochroma* não têm sulco ladeado por carenas no lado inferior e talvez este possa ser mais um caráter para distinguir *Xystochroma* de *Linsleychroma*.

Chave para espécies de *Xystochroma* (exceto *X. buprestoides*)

1. Pro- e mesofêmures inteiramente negros ou com colorido metálico 2
 - Pro- e mesofêmures alaranjados ou alaranjados e pretos 4
- 2(1). Faixa sutural dos élitros larga, nítida e de pubescência dourada; fêmures negros; metafêmures com pêlos curtos, rijos, na face ventral do quarto apical. Colômbia *X. setigerum* (Schmidt, 1924)
 - Faixa sutural dos élitros estreita e metálica 3
- 3(2). Fêmures com brilho metálico, verde ou azul; antenas dos machos ultrapassam os ápices dos élitros em 1,5 artículos; pronoto, na metade anterior, com pequena área triangular brilhante, restante da superfície fina e uniformemente pontuada. Panamá, Colômbia, Venezuela *X. chloropus* (Bates, 1879)
 - Fêmures pretos; antenas dos machos (e das fêmeas) apenas ultrapassam os élitros; linha média do pronoto brilhante, com ou sem rugas transversais; (clípeo com rugas transversais). Costa Rica, Panamá, Venezuela *X. chypeatum* (Schwarzer, 1923)
- 4(1). Metafêmures inteiramente alaranjados ou alaranjados com o extremo apical preto em pequena extensão 5
 - Metafêmures alaranjados com, pelo menos, o terço apical preto ou com brilho metálico 8
- 5(4). Lado interno dos metafêmures com carena no quarto apical (Fig. 4) 6
 - Metafêmures sem carena 7
- 6(5). Faixa sutural estreita; tubérculos laterais do protórax aguçados; disco do pronoto sem rugas; antenômero III sem carena. (Figs. 1, 4). Brasil (Minas Gerais, Rio Grande do Sul) *X. femoratum* **sp. nov.**
 - Faixa sutural larga; tubérculos laterais do protórax rombos; disco do pronoto com rugas transversais; antenômero III carenado. (Fig. 2). Venezuela *X. incomptum* **sp. nov.**
- 7(5). Faixa central do pronoto sem rugas; faixa sutural dos

élitros recoberta por pêlos amarelados. Brasil (Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, Goiás) *X. neglectum* (Gounelle, 1911)

Faixa central do pronoto com rugas transversais; faixa sutural dos élitros glabra, sem pêlos amarelados. Brasil (Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina) *X. bouvieri* (Gounelle, 1911)

- 8(4). Lado inferior do terço apical dos metafêmures com cerdas rijas, com ápice dirigido para a ponta do fêmur e inseridas em projeções agudas (Fig. 5); (faixa sutural dos élitros larga, ultrapassa sensivelmente os lados do friso sutural, revestida por pilosidade amarelada, melhor visível quando a cabeça voltada para a fonte luminosa). (Fig. 3). Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo) *X. echinatum* **sp. nov.**
 - Lado inferior dos metafêmures com pêlos curtos e não inseridos em projeções 9
- 9(8). Escapó cilíndrico, sem dilatação apical; pontuação na face dorsal fina e densa. Antenômero III cilíndrico, sem carena e densamente piloso 10
 - Escapó com ângulo apical externo levemente projetado; pontuação da face dorsal rala e irregular. Antenômero III com carena e esparsamente pubescente. Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo) *X. zikani* (Zajciw, 1965)
- 10(9). Faixa sutural geralmente muito indistinta; metafêmures delgados, achatados e com reflexo metálico no ápice. Brasil (Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná) *X. gracilipes* (Bates, 1879)
 - Faixa sutural, embora estreita, evidente; metafêmures cilíndricos, com ápice preto. Brasil (Rio de Janeiro: Corcovado) *X. minutum* (Zajciw, 1965)

Xystochroma neglectum (Gounelle, 1911)

Callichroma neglectum Gounelle, 1911: 172, 2 figs.

Callichroma (Xystochroma) neglectum; Schmidt, 1924: 301; Demets, 1973: 173 (*syn.*)

Xystochroma neglectum; Podany, 1965: 39; Monné, 1993: 9 (cat.).

Xystochroma roeri Podany, 1965: 35, fig. 1.

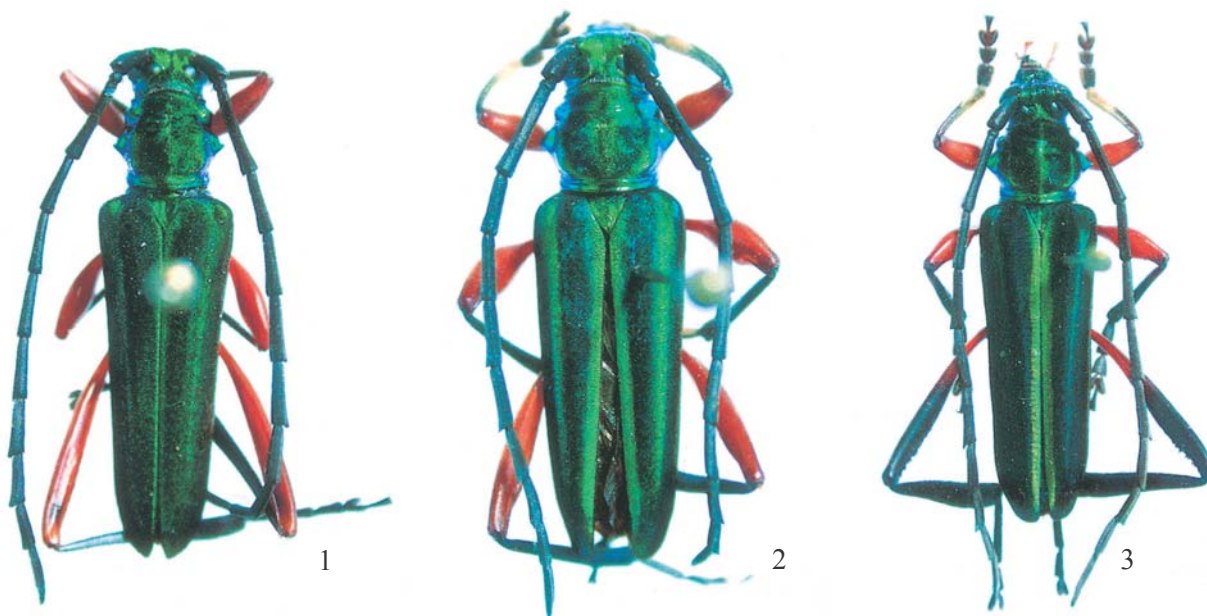
Callichroma (Xystochroma) equestriforme Schmidt, 1924: 302. **Syn. nov.**

Xystochroma equestriforme; Podany, 1965: 39; Monné, 1993: 9 (cat.).

Não foram detectados caracteres para diferenciar *X. equestriforme* (Schmidt, 1924) de *X. neglectum* (Gounelle, 1911), embora o holótipo de *X. equestriforme*, descrita do Brasil, sem localidade precisa, não tenha sido examinado.

Gounelle (1911) baseou a descrição de *X. neglectum* em 14 síntipos procedentes de Goiás (Jataí), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro: Tijuca, Bico do Papagaio) e São Paulo (Ribeirão Pires).

Villiers (1972: 21) citou, para *X. neglectum*, um “holótipo”, procedente do Rio de Janeiro (Tijuca), e “parátipos”, mas essa indicação é inválida porque deveriam ter sido indicados lectótipo e paralectótipos.



Figs. 1-3. 1, *Xystochroma femoratum* sp. nov., holótipo macho; 2, *X. incomptum* sp. nov., holótipo macho; 3, *X. echinatum* sp. nov., holótipo macho.



Figs. 4-5. 4, *Xystochroma femoratum*, detalhe do metafêmur; 5, *X. echinatum*, idem.

Zajciw (1958) arrolou *X. equestriforme* para o Rio de Janeiro (Corcovado) com base num macho, examinado, o que permitiu confirmar a sinonímia proposta.

Além do material mencionado abaixo, foram examinados seis exemplares de *X. neglectum* comparados com o “tipo” do

MNHN por Y. Demets, todos procedentes do Rio de Janeiro (MZSP, DZUP).

Material examinado. BRASIL. *Distrito Federal*: Taguatinga, macho, 14.I.1984, J. Dalmacio col. (MZSP). *Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro, 2 machos, fêmea, 1910, Dupuis col. (MZSP); fêmea, 21.XI.1918, sem nome do coletor (MZSP); (Corcovado), macho, 23.I.1952, macho, 7.XII.1952, macho, 29.XI.1953, D. Zajciw col., macho, I.1969, S. A. Frago col. (MNRJ); (Represa Rio Grande), fêmea, 27.IX.1967, F. Oliveira col. (DZUP); (Santa Teresa), macho, XII.1917, nome de coletor ilegível (MZSP); (Silvestre), fêmea, 28.XII.1918, sem nome do coletor; Petrópolis (Independência, 900 m), fêmea, 17.XII.37, Gagarin col. (MZSP); Seropédica (km 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo), fêmea, 8.II.1943, O. Braga col. (MZSP). *São Paulo*: Guarujá, fêmea, XII.1928, nome do coletor ilegível; São Bernardo, fêmea, 28.III.1923, R. Spitz col. (MZSP). *Paraná*: Guarapuava, macho, XI.1970, Schneider col. (MZSP). *Santa Catarina*: Joinville, fêmea, I.1922, Schmith col. (MZSP). *Rio Grande do Sul*: Nova Petrópolis, fêmea, XI.1940, sem nome do coletor (MZSP).

Xystochroma gracilipes (Bates, 1879)

Callichroma gracilipes Bates, 1879: 404.

Xystochroma gracilipes; Podany, 1965: 39; Monné, 1993: 9 (cat.).

Callichroma (Xystochroma) planipenne Schmidt, 1924: 303. **Syn. nov.**

Xystochroma planipenne; Podany, 1965: 39; Monné, 1993: 9 (cat.).

Callichroma (Xystochroma) cuprisuturatum Zajciw, 1965: 552, fig. 2. **Syn. nov.**

Xystochroma cuprisuturatum; Monné, 1993: 9 (cat.).

De *Callichroma gracilipes* Bates, 1879 foi examinado diapositivo do holótipo fêmea (MNHN) e material comparado com esse exemplar por Y. Demets (MZSP). De *Callichroma (Xystochroma) planipenne* Schmidt (1924), o diapositivo do holótipo fêmea do SMFD, enviado por K.-E. Huedepohl, e de *Callichroma (Xystochroma) cuprisuturatum* Zajciw, 1965,

parátipo fêmea (MNRJ). Concluimos que todos esses nomes foram atribuídos a única espécie.

Material examinado. BRASIL. Goiás: Jataí, macho (MZSP); fêmea, ex-Coleção Le Moulton (MZSP). Minas Gerais: Lavras, fêmea, IV.1937, P. J. Ribeiro col. (MZSP); Passa Quatro (Fazenda dos Campos), macho, 18.XI.1915, J. F. Zikán col. (MZSP). São Paulo: Botucatu, macho, 5.VI.1966, A. Mantovan col. (MZSP). Campos do Jordão, fêmea, 20.I.1936, J. Lane col. (MZSP); 4 machos, I.1954, J. Lane col. (MZSP); Guarujá, macho, 2.IX.1928, Mieln col. (MZSP); Peruipe, fêmea, 7.XI.1950, Col. H. Zellibor, parátipo de *C. (X.) cuprisuturatum* (MNRJ); São Paulo (Butantã), fêmea, 21.V.1941, A. T. Mendes col.; (Cantareira), macho, IV.1931, R. Spitz col. (MZSP); (Ipiranga), fêmea, VII.1917, sem nome do coletor (MZSP); (Santo Amaro), macho, 13.III.1921, J. Melzer col. (MZSP); macho, VI.1932, J. Lane col. (MZSP).

***Xystochroma femoratum* sp. nov.**

(Figs. 1, 4)

Cabeça, protórax, élitros e face ventral, verde-metálicos. Antenas, tíbias e tarsos, pretos. Fêmures alaranjados. Clípeo e genas brilhantes com pontuação esparsa. Fronte, vértice e occipício com pontuação muito fina e densa. Antenas dos machos atingem os ápices dos élitros na metade do antenômero XI; das fêmeas, aproximam-se, mas não atingem as pontas dos élitros. Escapo subcilíndrico com aba apical externa apenas projetada; pontuação fina e densa; nas fêmeas com meio do dorso ligeiramente mais avermelhado. Antenômero III não carenado. Antenômero XI apendiculado nos machos, mais longo que o X e nas fêmeas, apenas mais curto.

Tubérculo lateral do protórax desenvolvido, aguçado na ponta. Pronoto finamente pontuado no disco; nos lados, com rugas transversais espaçadas até o tubérculo lateral. Partes laterais do protórax e tubérculos laterais praticamente lisos e brilhantes. Pubescência pronotal preta e não constitui faixas.

Escutelo sulcado, fina e densamente pontuado. Élitros com estreita faixa sutural verde-metálica; faixa dorsal visível apenas conforme a incidência da luz e, na realidade, toda a superfície elitral é verde-metálica sob a pilosidade.

Mesofêmures com carena muito discreta no lado interno do ápice. Metafêmures lineares; ápices apenas ultrapassam as pontas dos élitros nos machos e nas fêmeas, não chegam a atingi-las; face interna com carena evidente no quarto apical; face externa com depressão apical e no lado inferior dessa depressão discretamente carenada. Metatíbias deprimidas com metade distal mais larga e sinuosa. Metatarsômero I mais longo do que II+III reunidos.

Dimensões em mm, respectivamente, macho/fêmea. Comprimento total, 16,2/17,0; comprimento do protórax, 3,1/3,1; maior largura do protórax, 3,7/3,8; comprimento do élitro, 11,9/12,9; largura umeral, 4,3/4,4.

Holótipo macho procedente do BRASIL, *Rio Grande do Sul*: Porto Alegre, 1926, P. Buck col. (MZSP). Parátipo fêmea: BRASIL, *Minas Gerais*: Coronel Pacheco, sem outros dados (MZSP).

Discussão. *Xystochroma femoratum* sp. nov. e *X. incomptum* sp. nov. são as espécies do gênero que apresentam carena na face interna dos ápices dos metafêmures (Fig. 4). *X. femoratum* difere de *X. incomptum* pelo antenômero III não

carenado; centro-longitudinal do pronoto sem rugas; pelo tubérculo lateral do protórax aguçado; pelo escutelo sulcado e sem rugas, pelas faixas elitrais pouco visíveis e pelo tomento elitral que não constitui faixas longitudinais; fêmures, especialmente os posteriores, lineares e metatíbias sinuosas e alargadas para o ápice.

Em *X. incomptum*, o antenômero III é carenado; o centro-longitudinal do pronoto tem rugas; o tubérculo lateral do protórax é rombo; o escutelo não tem sulco e tem rugas na região apical; as faixas elitrais são evidentes; o tomento elitral constitui duas faixas longitudinais; os metafêmures são clavados e as metatíbias são retas e discretamente alargadas.

O epíteto é alusivo à carena nos metafêmures.

***Xystochroma incomptum* sp. nov.**

(Fig. 2)

Etimologia. Latim, *incomptus* = sem adornos.

Cabeça, protórax, élitros e face ventral verde-metálicos. Antenas, tíbias e tarsos, pretos. Fêmures alaranjados com extremo basal preto. Clípeo com pontuação grossa. Fronte e vértice com pontuação finíssima e densa. Genas com pontuação fina e esparsa. Antenas (macho) atingem o ápice elitral na extremidade do antenômero X. Escapo subcilíndrico, sem projeção externa apical, fina e densamente pontuado. Antenômero III carenado. Antenômero XI mais longo que o X, levemente apendiculado.

Tubérculo lateral do protórax desenvolvido, mas sem ponta acuminada. Pronoto com rugas transversais exceto nas áreas cobertas pelo tomento preto; sulco basal brilhante e glabro. Partes laterais do protórax lisas, mas pontuadas nos tubérculos medianos.

Escutelo sem sulco, finamente pontuado nos 2/3 basais e com rugas na região apical. Élitros com faixas verde-metálicas, evidentes e glabras, uma sutural e uma dorsal; e duas faixas largas, dorsais de tomento.

Fêmures robustos; os mesofêmures fortemente pedunculados e clavados; metafêmures clavados, os ápices não alcançam as pontas dos élitros. Mesofêmures com carena curta (restrita ao quinto apical) e evidente nas faces laterais. Metafêmures com carena interna bem distinta no terço distal e carena externa pouco aparente. Metatíbias cilíndricas, pouco alargadas para o ápice e retilíneas. Metatarsômero I tão longo quanto II+III reunidos.

Dimensões em mm. Comprimento total, 14,9; comprimento do protórax, 3,1; maior largura do protórax, 3,8; comprimento do élitro, 10,5; largura umeral, 4,1.

Holótipo macho da VENEZUELA, *Amazonas*: Surumoni (“KРАН Tag: vd. Sapindaceae”), 26.IX.1997, Morawetz col. (MZSP). Os dados de etiqueta indicam: KРАН = guindaste.

***Xystochroma echinatum* sp. nov.**

(Figs. 3, 5)

Etimologia. Latim, *echinatum* = espinhoso, alusivo à fileira de espinhos dos metafêmures.

Cabeça, protórax e face ventral verde-metálicos. Antenas, tíbias e tarsos pretos. Élitros verde-metálicos com ligeiro brilho violáceo nas epipleuras. Pro- e mesofêmures alaranjados, com base enegrecida ou não, os ápices pretos; metafêmures com base alaranjada e 2/3 ou quase a metade apical preta.

Clípeo com pontos grossos irregularmente adensados. Fronte fina e densamente pontuada. Genas com pontuação mais esparsa do que a fronte. Antenas do machos alcançam o ápice dos élitros na ponta do antenômero IX ou do X. Antenas das fêmeas tão longas ou pouco mais curtas que o corpo. Escapo sem projeção apical externa, fina e densamente pontuada. Antenômero III não carenado. Antenômero XI mais longo que o X e apendiculado.

Tubérculo lateral do protórax desenvolvido, aguçado na ponta. Pronoto fina e densamente pontuada, sem rugas e revestido por tomento. Na metade anterior do disco, faixa mediana, glabra e brilhante. Partes laterais do protórax com pontos finos e muito esparsos à frente e sobre o tubérculo lateral; a parte posterior e o sulco da base do pronoto lisos e brilhantes.

Escutelo com sulco estreito e mediano; finamente pontuada e revestido por tomento preto. Élitros com faixa sutural de pubescência dourada, estreitada atrás do escutelo.

Pro- e mesofêmures clavados. Metafêmures sublineares sem carena; nos machos atingem o ápice dos élitros; nas fêmeas, aproximam-se, mas não atingem as pontas; no quarto apical da face inferior com duas fileiras de espinhos curvos e situados sobre projeções (Fig. 5). Metatíbias praticamente retilíneas, não carenadas, deprimidas e alargadas para o ápice. Metatarsômero I mais longo que II+III.

Dimensões em mm, respectivamente, macho/fêmea. Comprimento total, 18,4-19,3/19,3-22,0; comprimento do protórax, 3,6-3,7/3,2-4,0; maior largura do protórax, 4,6-4,7/4,0-5,3; comprimento do élitro, 13,5-14,7/14,8-16,5; largura umeral, 4,8-5,2/4,7-5,9.

Holótipo macho, BRASIL, *Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro (Corcovado), 20.X.1959, Alvarenga & Seabra col. (MNRJ). Parátipo – mesma localidade do holótipo, fêmea, 29.XI.1957, Seabra & Alvarenga col. (MNRJ); fêmea, 23.X.1958, Alvarenga & Seabra col. (MNRJ); fêmea, 17.XI.1958, Alvarenga & Seabra col. (MNRJ); macho, XI.1960, C. A. Campos Seabra col. (MNRJ); 2 fêmeas, XI.1961, Alvarenga & Seabra col. (MNRJ); fêmea, 27.XII.1962, Alvarenga & Seabra col.

(MZSP); macho, 30.X.1963, Alvarenga & Seabra col. (MNRJ); fêmea, 7.XI.1963, Alvarenga & Seabra col. (MZSP); fêmea, 28.XI.1969, Alvarenga & Seabra col. (DZUP); fêmea, XI.1970, C. A. C. Seabra col. (MNRJ); fêmea, 10.XI.1975, M. A. Monné & C. A. C. Seabra col. (DZUP); fêmea, 3.XII.1976, M. A. Monné & C. A. C. Seabra col. (MCNZ); fêmea, 18.XII.1980, C. A. C. Seabra col. (MNRJ). *São Paulo*: Bananal (Serra da Bocaina), macho, I.1937, D. Mendes col. (MZSP).

Discussão. *Xystochroma echinatum* sp. nov. separa-se de todas as outras espécies por apresentar duas fileiras de espinhos curvos no lado inferior do quarto distal dos metafêmures (Fig. 5).

Agradecimento. A Antonio Santos Silva (MZSP) pela execução das fotos que ilustram este artigo.

REFERÊNCIAS

- Bates, H. W. 1879. New genera and species of Callichrominae (Coleoptera, Longicornia). *Cistula Entomologica* 2: 395–419.
- Demets, Y. 1973. Notes sur les Callichromatini (Coleoptera, Cerambycidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 26: 173–177.
- Giesbert, E. F. 1998. Further Studies in the Neotropical Callichromatini (Coleoptera: Cerambycidae: Cerambycinae). *Occasional Papers of the Consortium Coleopterorum* 2: 60–64.
- Gounelle, E. 1911. Liste des cérambycides de la région de Jathay, État de Goyaz, Brésil. *Annales de la Société Entomologique de France* 80: 103–252.
- Monné, M. A. 1993. *Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Western Hemisphere*. Part VIII. São Paulo, Sociedade Brasileira de Entomologia, 97 p.
- Podany, C. 1965. Remarques sur les Callichromini américains (Col., Ceramb.). *Bulletin de la Société Entomologique de Mulhouse* 1965: 34–41.
- Schmidt, M. 1924. Die amerikanischen Callichrominen (Col., Ceramb.) nach systematischen und phylogenetischen Gesichtspunkten dargestellt. *Deutsche Entomologische Zeitschrift* 1924: 297–321.
- Villiers, A. 1972. Les types de Cerambycidae Callichromini neotropicaux du Museum de Paris. Designation de lectotypes. *Bulletin de la Société Entomologique de France* 77: 20–22.
- Zajciw, D. 1958. Fauna do Distrito Federal XLVIII. Contribuição para o estudo dos longicórneos do Rio de Janeiro. *Boletim do Museu Nacional (nova série) Zoologia* 189: 1–26.
- Zajciw, D. 1965. Três espécies novas do gênero *Callichroma* Latreille, 1816, subgênero *Xystochroma* Schmidt, 1924 (Col., Cerambycidae, Cerambycinae). *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 37: 551–555.